

Escola Superior de Educação João de Deus

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

"Juventude e maiores: envelhecimento activo e solidariedade intra e intergeracionalidade"
"O adoecer, a doença e o envelhecimento activo"

6, 7, 8 e 9 de dezembro de 2012

Portugal Maior 2012 Encontro Internacional para o Envelhecimento Activo



PORTUGAL N 6 a 9
MAIOR 0 DEZEMBRO

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CONGRESSOS JOÃO DE DEUS

III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

ENCONTRO INTERNACIONAL PARA O ENVELHECIMENTO ACTIVO
"O ADOECER, A DOENÇA E O ENVELHECIMENTO ACTIVO"

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria
6, 7, 8 e 9 de dezembro de 2012

Editor: Escola Superior de educação João de deus

Prefixo de Editor: 972-8061

Autores: Vários

Título: Portugal Maior 2012 – Encontro Internacional para o Envelhecimento Ativo

Suporte: DVD

Obra: 1 Volume

ISBN: 978-972-8061-78-4

Escola Superior de Educação João de Deus
www.joaodedeus.pt

Av. Álvares Cabral, 69 • 1269-094 LISBOA

Telef.: 21 396 81 54 • Fax: 21 396 71 83 • E-mail: ese@escolasjoaodeus.pt

O DESAFIO DO FACEBOOK NA PROMOÇÃO DO ENVELHECIMENTO ATIVO E DA SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL

Páscoa, G.*

ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa
ginapascoa@hotmail.com

Gil, H.**

CAPP & ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa
hteixeiragil@ipcb.pt

O envelhecimento da população é considerado um dos maiores desafios das sociedades contemporâneas, nomeadamente da Sociedade Digital. Numa conjuntura sensível de iliteracia digital dos cidadãos idosos, a ideia de promover o envelhecimento ativo e a infoinclusão, tem vindo a ser desenvolvida. As políticas sociais para o envelhecimento ativo adotadas no panorama europeu e em Portugal visam a integração das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na vida dos idosos, para que através das competências digitais adquiridas, estas possam reforçar os laços intergeracionais. A Universidade Sénior Albicastrense (USALBI) está integrada na Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS) e foi o local escolhido para realizar este estudo de caso de natureza qualitativa numa turma de informática, durante o ano letivo 2010/2011, com o objetivo de compreender a importância das TIC em geral e do Facebook em particular, na promoção do envelhecimento ativo e na solidariedade intergeracional. O Facebook é a rede social mais utilizada em todo o mundo, com mais frequência pelos grupos etários mais novos, pelo que os idosos não podem nem devem ficar excluídos. É importante investir na formação dos idosos de modo a usufruírem das potencialidades desta plataforma. Genericamente, esta investigação consistiu na observação não participante dos idosos de uma turma de informática, na realização de entrevistas semiestruturadas aos idosos e à professora de informática e também na aplicação de uma grelha de exploração cronológica baseada nas funcionalidades do Facebook. Os resultados deste estudo, permitiram constatar que as TIC permitem um acesso rápido à informação, e que o Facebook é uma ferramenta digital extensível a todas as idades, oferece condições favoráveis para reforçar a convivência intergeracional, aproxima gerações diferentes, promove o reforço dos laços familiares, proporciona a partilha de experiências entre gerações e combate o isolamento social dos idosos.

*Licenciada em Enfermagem, Pós-graduada em Gerontologia, Mestre em Política Social pelo ISCSP – UTL: «O contributo da Web social – rede social Facebook – para a promoção do envelhecimento ativo: estudo de caso realizado na USALBI». CISTI – Reviewer. Aluna do Doutoramento em Ciências Sociais: Especialidade em Política Social no ISCSP – UTL.

**Exerce funções de docência na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. A realizar Pós-Doutoramento no ISCSP – UTL: «As TIC e os cidadãos com 65+ anos de idade no concelho de Castelo Branco: A importância da e-saúde e do e-governo local». Autor de diversas comunicações relacionadas como envelhecimento ativo e o contributo das TIC para o incremento da qualidade de vida dos cidadãos mais idosos. É membro de diferentes comissões científicas de instituições internacionais exercendo também as funções de referee.

Enquadramento da problemática: Envelhecer ativamente com as TIC

O envelhecimento afigura-se como um dos problemas centrais do século XXI. As últimas décadas do século passado registaram um aumento ininterrupto do número de idosos que transformou as sociedades mais desenvolvidas em sociedades envelhecidas. A conjugação da queda da fertilidade com o aumento da esperança média de vida está na base desse aumento e da importância absoluta e relativa que a população idosa tem hoje na sociedade portuguesa. As projeções demográficas não vaticinam mudanças do atual padrão demográfico do envelhecimento, uma vez que, segundo dados do Eurostat (2010), três em cada dez pessoas terão 65 ou mais anos em 2050.

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

"Juventude e maiores: envelhecimento activo e solidariedade intra e intergeracionalidade" e "O adoecer, a doença e o envelhecimento activo"

As mudanças ocorridas, desde o telefone à Internet, tornaram o último século num dos momentos mais marcantes na vida das pessoas que, com forte influência da tecnologia, pode ser alterada de uma forma e a uma velocidade incrível. E a adaptação é aqui a palavra-chave. A Internet, deixou de ter um foro estritamente militar e académico para fazer parte da rotina da vida pessoal de todos e para todas as idades, podendo reforçar a convivência intergeracional, bem como a empatia dos avós com as tecnologias (Hermeking, 2006).

Em termos numéricos, nos últimos anos a Internet conheceu um crescimento exponencial, quer no seu tempo de utilização, no seu número de utilizadores e no número de páginas criadas. Segundo o *site* Internet World Stats <http://www.internetworldstats.com/stats4.htm> no final de 2011 cerca de 33% da população mundial era consumidora de Internet. De acordo com o mesmo *site* e como é demonstrado na Figura 1, em termos geográficos, existem discrepâncias no acesso à Internet. Existe uma elevada penetração da Internet na América do Norte, Oceânia e Europa, notoriamente superior à média mundial.

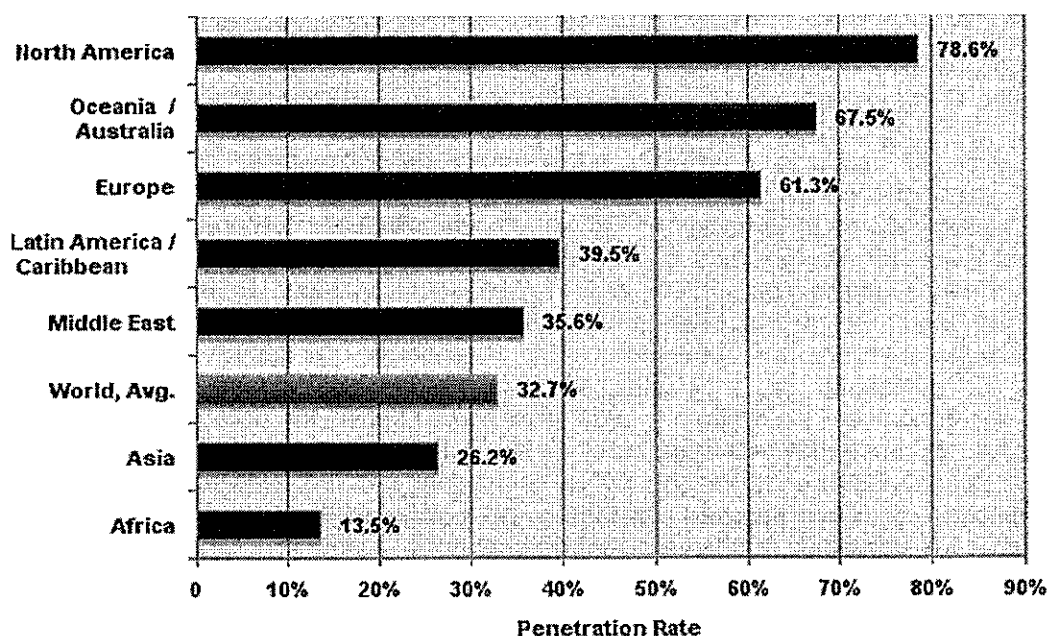


Figura 1 – Taxa de penetração da Internet no mundo (2011)
(Fonte: Internet World Stats, <http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>)

No ano 2011, no que diz respeito ao número de utilizadores de Internet por região do mundo, é muito díspare, sendo que a Ásia e a Europa têm as taxas de crescimento mais acentuadas, conforme se pode verificar na Figura 2.

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

"Juventude e maiores: envelhecimento activo e solidariedade intra e intergeracionalidade" e "O adoecer, a doença e o envelhecimento activo"

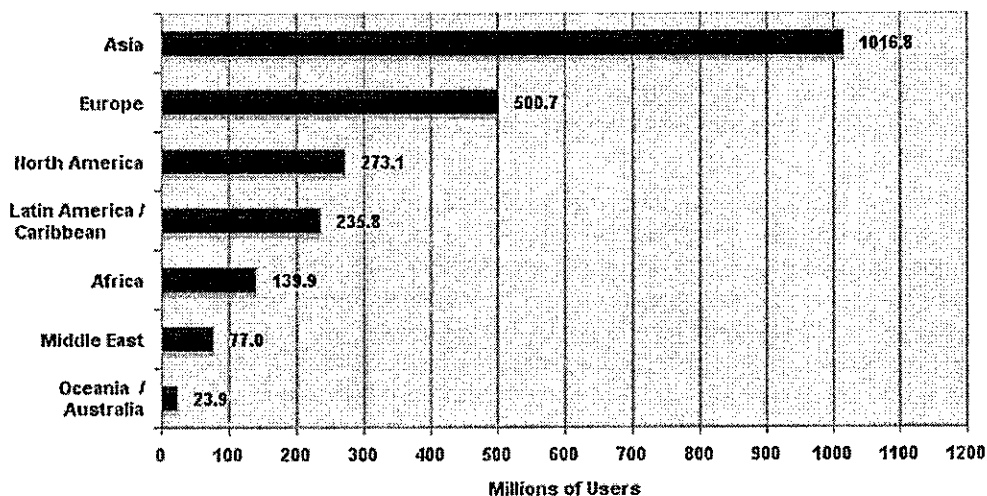


Figura 2 – Crescimento do número de utilizadores de Internet por região do mundo (2011)
(Fonte: Internet World Stats, <http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>)

No caso português o mesmo *site* aponta taxas de penetração de Internet de 42,8%, totalizando 4.475.700 utilizadores, identificados em setembro de 2011. O que significa que a taxa de crescimento é de 80%. Neste âmbito, apesar de em Portugal, no ano de 2011, se assistir a um aumento dos agregados domésticos que dispõem de acesso a computador (60%) e Internet (54%) em casa, a sua utilização ainda é diferente, consoante os escalões etários (INE, 2011).

Dados relativos à utilização do computador e da Internet por grupo etário revelam que o grupo dos mais velhos (65-74 anos) é o que utiliza menos as referidas tecnologias, embora se observe uma tendência crescente para o seu uso em 2010 e 2011, conforme se constata na Tabela 1.

| Grupo etário | Computador | | | Internet | | |
|--------------|------------|------|------|----------|------|------|
| | 2009 | 2010 | 2011 | 2009 | 2010 | 2011 |
| 16-24 | 92,2 | 94,0 | 95,0 | 88,1 | 89,3 | 89,3 |
| 25-34 | 82,4 | 82,1 | 85,2 | 77,1 | 79,2 | 79,2 |
| 35-44 | 59,6 | 66,9 | 72,9 | 53,3 | 62,4 | 62,4 |
| 45-54 | 41,3 | 46,7 | 50,5 | 36,0 | 40,6 | 40,6 |
| 55-64 | 26,9 | 32,0 | 31,3 | 21,4 | 27,7 | 27,7 |
| 65-74 | 8,1 | 12,7 | 13,9 | 6,6 | 6,6 | 10,4 |

Tabela 1 – Utilização do computador e internet em % do total de indivíduos por grupo etário
(Fonte: INE, PORDATA 2011)

Através da Internet, vive-se a experiência de poder circular num espaço e tempo virtual, que nos permite a possibilidade de conhecer novas maneiras de fazer, de ser e viver no mundo atual, provocando alterações de fundo em todas as esferas da ação humana. De acordo com Espanha (2009), as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) são hoje uma realidade incontornável na sociedade atual, uma vez que pelas TIC passam os fluxos de imagens, sons, que dinamizam e estão na base dos fluxos de informação e conhecimento, onde gerações diferentes se encontram e partilham experiências.

Assim, a menor adesão às TIC, como o computador e a Internet, entre os idosos, pode-se explicar, por um lado, pela iliteracia digital no que diz respeito ao seu uso e manipulação, mas também pelo custo dos equipamentos e serviços a elas associados. Com efeito, esta é uma população que tem que aprender a ler a nova linguagem gerada pelas TIC e a incorporá-la nas suas práticas sociais. Mas a predisposição para a aprendizagem não é indiferente às condições biológicas, sociais e psicológicas em que cada idoso se encontra (mobilidade/flexibilidade, capacidades cognitivas e sensoriais, de memória e atenção). Tais condições exigem um contexto formativo que acione métodos específicos de ensino-aprendizagem das novas tecnologias,

permitindo, por seu intermédio, explorar outras possibilidades de desenvolvimento individual e atender ao conjunto de expectativas e necessidades que a população mais velha tem acerca da utilização das TIC na sua vida quotidiana. Porém, o facto de os mais velhos apresentarem dificuldades, não inviabiliza no seu processo formativo, ou seja, não é condição de exclusão digital (Rogers & Fisk, 2006).

Uma das expectativas dos idosos, neste âmbito, está associada à sua participação nas redes sociais digitais, e, por essa via, à criação de novas sociabilidades (Henriques, 2011). Através de cursos de informática, as pessoas idosas obtêm formação que lhes permite aceder a redes de comunicação e encetar novas relações sociais. Muitos dos conteúdos destes cursos estão voltados para o entretenimento e o lazer. Os *chats*, os grupos de discussão, bem como o próprio *e-mail*, inseridos nessas plataformas digitais, são elementos que permitem a comunicação com familiares e amigos (Doll et al., 2007). O contacto com as redes sociais digitais, proporciona aos idosos o acesso a novas relações, mas também abre novas possibilidades de inserção na família, fomentando as interações entre gerações, através, por exemplo, de atividades lúdicas, como é o caso dos jogos interativos, ou da comunicação por *e-mail* e outros serviços. Por outras palavras, surge como um meio que promove as relações intergeracionais.

As TIC e as redes sociais digitais que elas geram, expressam as tendências do processo de globalização e a reconfiguração do tempo e do espaço. Nesta sociedade global, que recorre cada vez mais às redes sociais digitais, é necessário assegurar a participação de todos encontrando novas respostas para os desafios atuais (Gonçalves, 2003) Porém, as redes sociais digitais, em particular, o Facebook, poderá constituir uma oportunidade de dinamizar a relação entre avós e netos. O Facebook é uma das redes sociais digitais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos, pelo envio de mensagens ou pelo uso de aplicações e jogos. Poderá constituir um espaço de encontro, partilha e aprendizagem intergeracional, proporcionando um melhor envelhecimento.

O momento para dinamizar a relação entre os mais velhos e os mais novos é oportuno, já que as preocupações com o fenómeno do envelhecimento e, conseqüentemente, com a melhoria da qualidade de vida dos idosos, é um dos temas que está na ordem do dia nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. As políticas europeias destacam a importância de promover o envelhecimento ativo da população e da solidariedade entre gerações. De facto, nunca é tarde demais para partilhar experiências, iniciar uma carreira, dedicar-se a uma boa causa, fazer novos amigos, decidir por si, divertir-se, ampliar horizontes, unir forças, cuidar dos outros, ter um espírito aberto e viver intensamente a vida onde as TIC poderão ser um elemento fundamental.

Com base num estudo de caso de natureza qualitativa realizado na Universidade Sénior Albicastrense (USALBI) numa turma de informática no ano letivo 2010/2011, pretendeu-se compreender a importância das TIC em geral, e do Facebook, em particular, na promoção do envelhecimento ativo e na solidariedade intergeracional, e que os objetivos preconizados foram: averiguar o nível de literacia digital dos idosos pertencentes à amostra, enumerar as principais vantagens/desvantagens das TIC para os idosos, conhecer a opinião da amostra relativamente à Web 2.0, em geral, e ao Facebook, em particular, identificar as principais vantagens/desvantagens/limitações na utilização do Facebook por parte dos idosos e propor estratégias/metodologias que possam contribuir e facilitar o envelhecimento ativo através da utilização do Facebook.

O artigo é composto por um enquadramento teórico, com vista a dar conta dos conceitos norteadores da presente análise, nomeadamente envelhecimento ativo e relações intergeracionais, educação ao longo da vida, redes sociais, em particular o Facebook. Segue-se a explicitação dos procedimentos metodológicos, resultados e sua discussão.

Envelhecimento ativo e relações intergeracionais: um novo desafio?

O progresso científico e tecnológico veio despojar as pessoas idosas dos seus papéis e do prestígio social que as rodeava nas sociedades ditas tradicionais. A teoria da modernização, que sustenta que as nossas sociedades se pautam pela inovação tecnológica e pelo método científico, emerge como a justificação do declínio relativo dos idosos nas nossas sociedades e da criação de um estatuto social de dependência na idade avançada. O saber válido passou a ser o da ciência e da tecnologia e não o da tradição. Para Costa et al. (2005, p. 9) "(...) a ciência a par das tecnologias tornou-se hoje uma esfera plenamente institucionalizada, algo de adquirido nas sociedades contemporâneas, elemento central das referências cognitivas estabelecidas e parte importante dos sistemas de poderes instalados (...)". A teoria da modernização alimentou, pelo menos até aos anos 80 do século passado, os discursos negativos da velhice, que sublinhavam principalmente a iliteracia científica e tecnológica dos idosos nas sociedades contemporâneas, a par das situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência em que muitos se encontram (Mauritti, 2004).

Contudo, as associações e movimentos políticos de defesa e promoção dos direitos da pessoa idosa passaram a veicular um novo entendimento de velhice. Esta passou a estar associada de forma apelativa a designações positivas que a projetam num tempo de lazer, de liberdade e de autoaperfeiçoamento, são exemplo disso, expressões como: "universidade da terceira idade", "universidade sénior", "turismo sénior". Este discurso dirige-se à chamada "terceira idade", que se espera vir a estar integrada na sociedade digital.

O conceito de envelhecimento ativo (ONU, 1982) foi reforçado na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Madrid em 2002, e associa precisamente o envelhecimento à atividade económica, social e cultural, a qual se prolonga para além da reforma. Preconiza a aprendizagem ao longo da vida e a introdução de um sistema de reforma mais gradual. Em suma, refere-se ao desenvolvimento de atividades que permitem otimizar capacidades individuais e manter um bom estado de saúde da pessoa idosa. Esta definição enfatiza principalmente a participação social, a saúde e o bem-estar dos idosos, sendo utilizada principalmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (Gonçalves & Dias, 2008).

De acordo com Pestana (2003), o envelhecimento ativo, trata-se de uma noção que tem sido normalmente associada à atividade (não económica) nos tempos da velhice. Todavia, na perspetiva da política de emprego, refere-se ao conjunto de esforços que visam prolongar no tempo a participação económica dos indivíduos, isto é, que pretendem adiar a sua passagem para a inatividade ou o fim das suas vidas profissionais. Trata-se de uma definição mais ancorada na participação dos trabalhadores mais velhos (55 aos 64 anos) no mercado de trabalho e no prolongamento da sua vida laboral. Embora não se excluam, estas definições ilustram que o próprio conceito de envelhecimento ativo se encontra em discussão: com a sua promoção pretende-se, por exemplo, levar os trabalhadores a manterem-se ativos para além da idade legal da reforma. No espaço comunitário, a idade padrão da reforma é de 65 anos, ainda que nos diversos Estados-membros se observem diferentes possibilidades de antecipação. Entre estas encontram-se, por exemplo, a permanência prolongada no desemprego (Guillemard, 2004). Todavia, existem outros processos responsáveis pela retirada precoce dos trabalhadores mais velhos do mercado de trabalho, como é o caso da reconversão tecnológica e organizacional das empresas, da rejeição de mão-de-obra com qualificações e competências consideradas, pelas entidades empregadoras, como inadequadas às novas culturas organizacionais.

Independemente da influência dos discursos mais otimistas acerca do envelhecimento, na verdade, na génese do envelhecimento ativo também estão fatores associados à sustentabilidade dos sistemas financeiros das pensões públicas de reforma, comprometida pelo aumento crescente do peso relativo dos idosos no conjunto da população (Mendes, 2005).

No entanto, pode-se inferir que através do conceito de envelhecimento ativo se procura promover a integração social e laboral dos idosos, implementar medidas específicas que promovam alterações nas regras e práticas da organização do trabalho e atenuem os processos

de discriminação dos mais velhos, medidas que facilitem, de igual modo, o acesso dos idosos, nomeadamente dos segmentos mais vulneráveis, às atividades culturais e recreativas e fomentem as solidariedades intergeracionais, tanto na família como nos diversos contextos sociais (Martin et al., 2007).

Neste âmbito, parece pertinente questionar se o envelhecimento ativo e as relações intergeracionais são um novo desafio? Perante esta questão poder-se-á afirmar que a alteração dos paradigmas demográficos e o prolongamento do ciclo de vida das pessoas alarga grandemente a necessidade de novas oportunidades e novas sinergias, especialmente no domínio das relações intergeracionais. Compreender a sociedade digital presente, requer um esforço empenhado face à celeridade das mutações económicas, ao progresso da ciência e às novas tecnologias, sendo necessário desenvolver e fortalecer a equidade e a reciprocidade entre gerações.

As relações intergeracionais têm vindo a dar provas da sua importância, demonstrando que o grau de influência exercido diretamente sobre os dois grupos que estabelecem a relação, compromete indiretamente toda a sociedade. Neste entrelaçar, a transmissão de saberes não é linear, ambas as gerações possuem sabedorias distintas, o que possibilita que se dê origem a uma história em comum, a partir da experiência de cada um, funcionando como uma via dupla, pois ambos ensinam e ambos aprendem (Barata, 2010).

Todas as estatísticas demonstram que os mais jovens, também denominados de «nativos digitais», possuem já as competências básicas que lhes permitem utilizar o computador e as ferramentas como a internet. Este facto não causa grande surpresa porque já nasceram e cresceram num contexto onde as diferentes tecnologias e dispositivos digitais se encontram acessíveis e disponíveis. Ao invés, os cidadãos mais idosos estiveram privados, na sua grande maioria, destes dispositivos o que faz com que não possuam uma literacia e competências digitais no sentido de lhes permitirem uma utilização sistemática ou mais diária das TIC e/ou internet. Mas esta desvantagem 'aparente' pode tornar-se numa vantagem se forem proporcionadas oportunidades para que os mais jovens e os mais idosos se possam complementar, em termos, das suas competências, dos seus conhecimentos e das suas experiências de vida (em especial no caso dos cidadãos mais idosos). Esta possibilidade vem criar espaços que irão permitir um melhor conhecimento de outros estilos de vida e de outros tipos de objetivos e condutas. Este aspeto é valorizado por Harley & Fitzpatrick (2008) ao afirmarem que a promoção do acesso às TIC será muito importante e, até decisivo, para que se promova uma comunicação intergeracional e também a educação ao longo da vida e como consequência, uma melhor e mais profunda interação social entre jovens e idosos.

Educação ao longo da vida

Atualmente é importante envolver os cidadãos idosos nas questões sociais, económicas, tecnológicas, espirituais, culturais e cívicas (Vallespire & Morey, 2007). Trata-se de um conceito que ultrapassa a abordagem centrada nas necessidades, para se focar nos direitos dos idosos em todos os domínios. Neste sentido, abrange, de igual modo, o conceito de educação permanente, também designado educação ao longo da vida, enquanto oportunidade que garante aos indivíduos um conjunto de meios que lhes permite alcançar o equilíbrio entre o trabalho, aprendizagem e vida ativa.

Embora seja fundamental noutras fases do ciclo da vida humana, a educação permanente é muito importante na idade adulta. Este conceito refere-se assim a todos os sujeitos de qualquer idade, a todos os níveis educativos, à totalidade dos métodos, meios e agentes de educação. Todavia, nas nossas sociedades já não é suficiente a alfabetização tradicional, ler e escrever. Novas formas de ensino-aprendizagem emergem como objetivos da educação permanente. É o caso da linguagem informática e da técnico-científica, em geral.

A grande quantidade de informação gerada pela sociedade digital permite aos indivíduos novas oportunidades, ao mesmo tempo que exige deles competências que se traduzem em níveis

de literacia com graus de dificuldade distintos (Costa, et al., 2000). Com efeito, é no contexto de uma sociedade digital que se desenvolve a vida quotidiana de milhões de pessoas, pelo que formar para uma utilização adequada das referidas tecnologias exige novas abordagens pedagógicas. A difusão permanente de informação, genérica e especializada, gerada pelos meios de comunicação em rede, corrobora, à luz do conceito de literacia, a necessidade de ensinar a aprender, já que a maior parte da informação se encontra *online* (Castells, 2004). Enquanto processo de assimilação de conhecimentos estruturados com determinada finalidade, a literacia digital surge como possibilidade de exercício de cidadania (Lima, et al., 2008), sendo igualmente fundamental para a construção de identidade, para o sentido que temos do mundo e da capacidade de agirmos nele e com ele.

Mas a centralidade da sociedade digital também tem vindo a acentuar várias desigualdades entre países, grupos e pessoas no que diz respeito ao acesso à Internet. A infoexclusão designa tal desigualdade e refere-se ao acesso limitado ou inexistente à rede, ou à incapacidade de os sujeitos tirarem partido dela (Castells, 2007). No caso dos idosos serem excluídos digitalmente significa, simultaneamente, não ter acesso e não poder executar um conjunto de ações essenciais para as suas necessidades básicas diárias.

O conceito de inclusão digital emerge assim como uma forma de atenuar as diferenças entre aqueles que dominam as TIC e os que não o fazem, tal como sucede com uma parte significativa dos idosos em Portugal. A literacia digital vai além das capacidades, por parte dos indivíduos, de compreensão e uso da informação escrita impressa em materiais diversos, para se traduzir, de igual modo, num conjunto de competências que aqueles mobilizam na sua vida quotidiana numa sociedade em rede. A formação dos idosos, neste âmbito, emerge assim como um meio de alcançarem uma maior autonomia, participação social, conhecimentos, desenvolvimento pessoal, a par de aptidões concretas que possibilitem o seu relacionamento *online* com outros indivíduos, nomeadamente com filhos e netos. (Castells, 2006). Permite-lhes ainda desfrutar do tempo de forma diferente após a saída do mundo profissional ativo.

As Universidades Seniores surgem indubitavelmente como lugar privilegiado na promoção da educação ao longo da vida dos idosos, em que as aprendizagens da utilização das redes sociais digitais permitem a aproximação de pessoas, favorecem a rápida troca de informação, com aqueles que são mais próximos e que se encontram distantes. O potencial educativo das redes sociais digitais pode ser considerado um complemento da educação ao longo da vida, e poderá ser uma mais-valia para simplificar o quotidiano dos idosos, na organização dos seus contactos, na gestão das relações interpessoais com a finalidade de combater o isolamento e promover uma infoinclusão. Perante esta realidade, seguidamente, apresenta-se de forma sucinta o conceito de redes sociais digitais, as teorias que sustentam o uso das mesmas na Internet bem como alguns exemplos de *sites* mais utilizados.

Redes Sociais Digitais

Conceito

Tendo em vista que as redes sociais são a temática estudada por várias áreas de conhecimento, convém que antes de discutirmos o seu conceito, compreendamos a sua etimologia, já que esta nos pode fornecer informação relevante. A palavra rede vem do latim (*rete*, *is* = "rede ou teia") que significa entrelaçados de fios, com aberturas regulares, fixadas por malhas ou *nós*, formando uma espécie de tecido. Têm como característica essencial, uma estrutura flexível e horizontal, uma vez que não possuem uma organização rígida. A hierarquia e a relação de poder não são determinantes.

Para Recuero (2009), as redes sociais digitais provocaram mudanças nos modos de produção, de poder e na cultura. O autor enfatiza que, embora a organização em forma de rede não seja nenhuma novidade e já ter existido em outros tempos e lugares, o novo paradigma da tecnologia de informação que fornece a base material para a sua expansão na estrutura social vigente, denominada sociedade digital.

De facto, as redes sociais sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos, que as usavam para estabelecer vínculos sociais, para comunicarem e partilharem interesses. Tinham como finalidade promover a união entre as pessoas, criando identidades próprias, que por muitas vezes tornavam-se práticas comuns. Estas práticas, permitiam que as informações ou o conhecimento circulassem, podendo tanto passar rapidamente como ser assimilado prontamente (Brown & Duguid, 2001). Atualmente, as experiências das redes sociais podem atribuir-se às conexões, que, pela sua rapidez, contribuíram para que as pessoas se comuniquem em tempo real e sem distância física e/ou espacial. De acordo com Silva et al. (2006), as redes sociais são um sistema composto de "nós interligados", que são representados por indivíduos, grupos, organizações, os quais estão ligados por laços de interesses profissionais, afectivos ou mesmo uma causa comum.

De entre os conceitos mencionados, independentemente da abordagem que cada autor utiliza para conceituar redes sociais, percebemos que em todos eles, está implícita a interação, a colaboração, a construção coletiva, a co-responsabilidade, a autonomia, entre outros. São muitos os autores que definem redes sociais digitais, evidenciá-los todos aqui seria uma atividade exaustiva. No entanto, um dos teóricos que não se pode deixar de mencionar, é Castells (2000), pois para este autor, as redes sociais são estruturas abertas, capazes de se expandirem de forma ilimitada, integrando nós que consigam comunicar dentro da rede, nomeadamente, desde que partilhem os mesmos códigos de comunicação.

Estes "nós" indicam as pessoas e instituições que criam os mais variados vínculos, que variam de intensidade, podendo constituir-se em laços fracos ou laços fortes. Já os fios que permitem "amarrar" e dar consistência a estes nós, podem ser considerados as mais variadas formas de relações, as diversas organizações, que têm como base a cooperação e colaboração entre os indivíduos envolvidos. Dentro desta abordagem, um nó pode ser composto por uma pessoa, por um grupo, por uma comunidade, enfim por um todo organizado (Meneses, 2007).

Este todo organizado, contribui para que haja fluidez das mensagens, pois segundo Ribas & Ziviani (2008), as conexões existentes através das interações estabelecidas nas redes sociais digitais criam possibilidades para que as pessoas actuem como multiplicadores e organizadores das informações, fazendo com que estas ganhem um espaço mais globalizado.

Teorias

São várias as teorias («Teoria seis graus de separação», «Teoria dos grafos», «Teoria da Atividade», «Teoria ator-rede»), que tentam explicar o funcionamento das redes sociais na Internet. Segundo Recuero (2004), estas teorias permitem-nos apreender o seu complexo organizacional, fornecendo alguns conceitos que emergem da sua própria dinâmica, como conectividade, interação e colaboração.

«Teoria seis graus de separação»

Esta teoria vem demonstrar que a conectividade é um factor determinante para que uma rede social possa manter-se, pois é ela que regula os fluxos de informação e interação entre as pessoas, possibilitando múltiplas oportunidades de produção de conhecimento de forma colaborativa. Quanto maior for o grau de conexão, mais rica em interação ela será, tornando-se um espaço aberto para que haja comunicação multidimensional, composta de pequenas quantidades de conexões entre cada indivíduo, que podem efetivar-se através da proximidade (grau de parentesco, amizade, etc.) ou quando não, de forma aleatória (Watts, 2003).

«Teoria dos grafos»

Segundo Scott (2004), algumas características essenciais de uma rede, podem ser analisadas por meio de matrizes. Nesta concepção, a teoria dos grafos descreve de forma rigorosa e criteriosa as redes, caracterizando-as através de dados matriciais que podem ser traduzidos em conceitos e/ou teoremas e armazenados e/ou relacionados em programas específicos de computador, permitindo uma abordagem muito mais fácil e objetiva. Esta teoria permite representar graficamente uma rede social e pela análise das configurações dos gráficos gerados,

é possível inferir sobre as dinâmicas, as ações e interações desenvolvidas no seu seio (Wiener, 1984; Metherbe, 1986).

«Teoria da Atividade»

Para Martins & Daltrini (2006), a teoria da atividade, pode ser entendida como uma conjectura de cunho filosófico e interdisciplinar que tem como objeto de estudo o processo de desenvolvimento dos seres humanos, oriundo de práticas experienciais, tanto de forma individual, como àquelas que ocorrem nas relações sociais. Para este autor, ela tem como princípio fundamental a promoção da unidade entre consciência e atividade, ou seja, o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores que emergem das interações do homem com o meio ambiente, legitimando assim, o contexto no qual está inserido, bem como as práticas oriundas no âmbito da coletividade.

«Teoria Ator-Rede»

Conhecida pelo seu nome original (Actor Network Theory – ANT), preconiza que os elementos estão inter-relacionados por meio do grande fluxo de informações, proveniente da Sociedade da Informação, em que os instrumentos têm fundamental importância para que haja a partilha e troca de experiências entre as pessoas (Deponi, 2008). Ela possibilita o estudo da formação da identidade dos indivíduos, tendo em vista os diferentes papéis que podem assumir mediante os seus interesses e aspirações; influenciando diretamente na aquisição e/ou construção de estratégias e no desenvolvimento de inovações tecnológicas, compatíveis com o modelo social vigente.

Atualmente as redes sociais são parte integrante da vida social das pessoas. São locais onde se passa grande parte do tempo, que permitem comunicar com os outros utilizadores, partilhar informações, aceder a vários conteúdos, atualização de conhecimentos, e conhecer pessoas de qualquer canto do mundo. Quando se faz referência a Redes Sociais, associamos quase de imediato ao Facebook, mas a verdade, é que antes da sua existência, muitas outras surgiram e também tiveram a sua importância. Neste sentido, é oportuno abordar-se em linhas gerais as redes sociais mais utilizadas, as quais se passam a descrever de forma sucinta.

Sites de Redes Sociais

Segundo informações no *site* WB Internet e novas tecnologias (2008), a partir dos anos 90, um fenómeno interessante começou a ser percebido e vivenciado no mundo. Este fenómeno, que envolveu novas formas de comunicação, pode ser explicado à luz do processo de massificação da Internet, que, com a instituição do protocolo de comunicação da IRC (Internet Relay Chat) e dos *sites* sociais, contribuiu para que as informações tornassem-se universais e não restritas a um pequeno grupo de pessoas.

Neste contexto, a conectividade também foi responsável pelas alterações nas formas de comunicação e relacionamento, bem como na medição cultural desta nova Sociedade (Sociedade da Informação). Estas alterações foram possíveis, face ao número de *software* ou aplicativos existentes na Web 2.0, denominado de redes sociais. Segundo Ribas & Ziviani (2008, p.6), "(...) trata-se de uma era de partilha de ideias e uso massificado de ferramentas como Facebook, Orkut, MySpace, entre outros (...) um novo paradigma de comunicação humana, uma quebra que só havia ocorrido no mundo nessa magnitude com a intervenção da imprensa por Gutemberg, na Alemanha, por volta de 1500 (...)"

Em 2003 foi um grande ano, onde as redes sociais se destacam pelo perfil como imagem central e por serem destinadas a um determinado grupo demográfico. Nesse ano surgiu o *MySpace* dedicado à música e bandas, o *LinkedIn*, a rede social vocacionada para contatos profissionais e o *Hi5*, uma das mais marcantes redes sociais que permitiu muitos utilizadores terem contacto com outros de uma forma mais dinâmica e atraente.

Em 2004, surgem redes já bem conhecidas, como *Flickr*, dedicado à fotografia e o *Orkut*, maioritariamente utilizada pela população brasileira.

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

"Juventude e maiores: envelhecimento activo e solidariedade intra e intergeracionalidade" e "O adoecer, a doença e o envelhecimento activo"

Em 2005, surge o *Youtube* dedicado à partilha de vídeos e este ano foi também marcado pelo surgimento da rede social que viria ser a mais popular de todos os tempos: o *Facebook*. Esta rede social foi criada por um estudante da Universidade de Harvard e atualmente tem mais de 955 milhões de utilizadores em todo o mundo.

O ano de 2006 fica marcado pelo aparecimento de outra grande rede social, o *Twitter*, uma espécie de microblogging onde os utilizadores se comunicam através de 240 caracteres de texto.

Em meados de 2011, o Google lançou-se em mais uma tentativa com uma nova rede social, o *Google +*. A vantagem deste novo serviço, segundo o Google, é permitir aos utilizadores organizarem os seus contactos criando "círculos" de amizade específicos, com os contactos que realmente interessam. Esta rede social arrancou em junho, inicialmente com um número limitado de utilizadores que entravam na rede por convite e só depois abriu à generalidade do público.

O colosso Facebook

De acordo com Kirkpatrick (2011) o Facebook é um diretório *online* que liga pessoas através de redes sociais em universidades. Pode-se usar o Facebook para procurar pessoas na faculdade, descobrir quem está nas aulas, procurar amigos dos seus amigos, obter uma visualização da sua rede social. Com esta mensagem na página inicial, o Facebook inicia um percurso de sucesso incomparável (para já) no universo das redes sociais.

Idealizado por Mark Zuckerberg, esta rede social pretendia por em contacto os alunos da sua universidade, Harvard, e por isso, para participar, o utilizador deveria ter um endereço de *e-mail* com o domínio *harvard.edu*. Criava um perfil com apenas uma imagem e informações pessoais e académicas. Três meses depois do arranque, o *site* já estava a funcionar em 34 universidades e tinha quase 100 mil utilizadores.

Foi durante o ano 2004 que Zuckerberg, agora já com uma equipa de outros jovens estudantes, introduziu aquela que viria a ser a característica mais popular do *site*, o «mural» que permitia a qualquer um escrever no perfil do outro. Em 2005, quando ultrapassaram a marca dos cinco milhões de membros, Mark Zuckerberg e a equipa adicionaram a aplicação das fotografias que iria "transformar o seu serviço". A inovação residiu no facto das fotografias virem sempre associadas aos nomes de quem surgem nelas, utilizando para isso a funcionalidade dos *tags*, e na possibilidade de clicar aleatoriamente na foto para passar à seguinte, sem ser necessário um botão específico. Atualmente esta rede social é o maior repositório de fotografias do mundo com 140 mil milhões de imagens digitais descarregadas pelos próprios utilizadores.

Entretanto, as novidades não paravam de surgir e de fazer sucesso entre os membros da rede social, e o que as pessoas faziam no Facebook era ver informação respeitante aos outros. Surgiu então a ideia, de introduzir o *feed* de notícias, uma ferramenta para ajudar os utilizadores a encontrar a informação que pretendiam, todas as atualizações de perfil feitas pelos membros seriam tornadas públicas a quem a ele estivesse ligado.

A 26 de setembro de 2005, o Facebook deu o passo definitivo rumo ao sucesso: abriu a rede social ao mundo. E o mundo aderiu em massa. Na segunda semana de outubro, a média diária de novos membros, era de 50 mil. Atualmente, os utilizadores mundiais do Facebook são mais de 800 milhões, conforme se pode verificar através dos dados representados na Figura 3. De acordo com as últimas estatísticas, em Portugal há atualmente cerca de 4 milhões de utilizadores do Facebook. Estes utilizadores representam 37,98% da população total e 78,89% dos internautas.

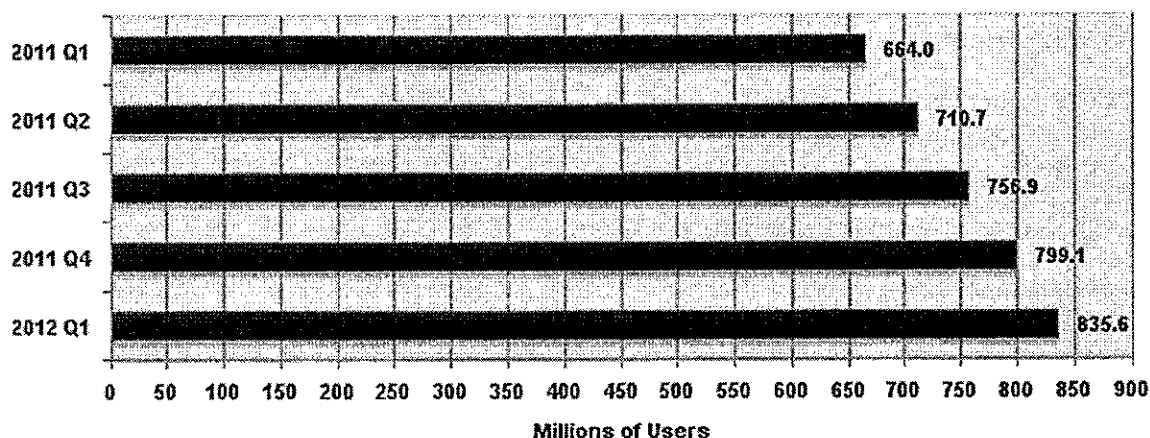


Figura 3 – Utilizadores mundiais do Facebook (2011/2012)
(Fonte: Internet World Stats, <http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>)

Estudo de caso: implementação da investigação

Enquadramento

Através desta investigação, pretendeu-se compreender a importância das TIC em geral e do Facebook, em particular, na promoção do envelhecimento ativo e na solidariedade intergeracional. Realizou-se um estudo de caso de natureza qualitativa. A USALBI foi o local onde se realizou esta investigação, no ano letivo 2010/2011, neste período, estavam inscritos 550 alunos e lecionavam em regime de voluntariado 57 professores.

Aspectos Metodológicos

A investigação que se desenvolveu teve um carácter exploratório e foi realizada através de um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa e de acordo com Coutinho (2011), neste tipo de estudo descrevem-se os fenómenos por palavras em vez de números ou medidas, preocupa-se mais com os processos do que com os produtos resultantes da pesquisa (Erickson, 1986). De acordo com Estrela (1994), o objeto da investigação é o que determina a escolha dos métodos e técnicas e nesse sentido, acredita-se que este estudo tenha contribuído, de alguma forma, para a divulgação do Facebook como facilitador da promoção do envelhecimento ativo e da solidariedade intergeracional.

No que diz respeito à "generalização" das conclusões e resultados de um estudo de caso, Merriam (1998) e Yin (1994) salientam que esta metodologia de investigação não tem o propósito de generalizar os resultados obtidos, mas sim de conhecer profundamente casos concretos e particulares. Cabe ao investigador decidir qual o nível de profundidade do conhecimento a que pretende chegar, ou seja, até onde deve ir, de forma a ser-lhe possível atingir os objetivos a que se propõe. Nunca será, contudo, possível conhecer tudo sobre um caso (Stake, 1994).

- Caracterização da amostra

A amostra desta investigação foi constituída pela totalidade dos alunos matriculados no ano letivo 2010/2011 na turma A de informática nível II da USALBI, onde foram ministrados conteúdos informáticos relacionados com o Facebook, num total de 13 alunos: 6 Homens e 7 Mulheres.

- Instrumentos de recolha de dados

Os instrumentos e técnicas para a recolha de dados foram: observação não participante, entrevista semiestruturada e grelha de exploração cronológica do Facebook. Estas diferentes fontes de dados permitem uma "triangulação de dados" que constitui a forma de aumentar a validade, clarificar e aprofundar a confiança dos mesmos, recomendações metodológicas que foram adotadas na realização deste estudo.

Observação não participante

Neste estudo privilegiou-se a observação não participante, uma vez que o observador não interage de forma alguma com o objeto de estudo no momento em que realiza a observação. Para Quivy & Campenhoudt (2008, p. 198), "(...) os métodos de observação não participante apresentam perfis em que o investigador não participa na vida do grupo, que, portanto, observa do exterior (...)". Sendo assim, a investigadora observou a atitude/comportamento dos alunos da turma A de informática, nível II da USALBI em interação com o Facebook e não interferiu na orgânica nem na metodologia das aulas, apenas realizou observações para posteriormente serem analisadas e contrastadas.

Entrevista Semiestruturada

Nesta investigação optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas como meio de recolha de informação sobre as concepções dos alunos relativamente à interação com o Facebook, bem como meio de obter informações junto da professora de informática acerca do processo de formação.

Efetuarão-se entrevistas semiestruturadas em dois momentos: 1º Momento (início do ano letivo 2010/2011) aos alunos e à professora de informática com a finalidade de averiguar os níveis de literacia digital, compreender o processo de formação e conhecer a opinião dos alunos e da professora de informática sobre a relação que existe entre Facebook e envelhecimento ativo. No 2º Momento (final do ano letivo 2010/2011), as entrevistas semiestruturadas aos alunos e à professora de informática tiveram como objetivo aprofundar questões colocadas no 1º Momento com a finalidade de caracterizar a dinâmica dos alunos em interação com o Facebook. Esta segunda abordagem também serviu para identificar o contributo do Facebook na promoção do envelhecimento ativo e da solidariedade intergeracional, e propor algumas estratégias/metodologias, perspetivando o futuro desta rede social digital.

As entrevistas aos alunos e à professora de informática foram todas individuais e de tempo variável, entre 20 e 40 minutos. Decorreram no *cybercentro* de Castelo Branco, local onde são lecionadas as aulas de informática da USALBI. Conforme o acordado no início de cada entrevista, cada uma delas foi gravada em dispositivo áudio, formato MP3, posteriormente foram integralmente transcritas, tendo-se o cuidado de que a linguagem escrita reproduzisse fielmente o discurso oral dos entrevistados. Os textos finais, depois de lidos foram submetidos à técnica de análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2008), a análise de conteúdo é definida como sendo um conjunto de técnicas de análise e de comunicação, visando obter por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens, indicadores qualitativos e quantitativos, que propiciem a inferência relativamente às condições de produção e de receção dessas mensagens.

Grelha de exploração cronológica do Facebook

O objetivo da criação da grelha de exploração cronológica do Facebook foi para facilitar a compreensão da dinâmica dos alunos em interação com o Facebook, tendo em conta os elementos que cada um colocou na identificação básica, as funcionalidades utilizadas pelos alunos, o tipo e número de conteúdos partilhados. A construção desta grelha baseou-se na própria

configuração e funcionamento do Facebook, enquanto rede social digital de comunicação e partilha de informação.

A aplicação desta grelha, depois de validada por uma equipa de três avaliadores, sendo dois professores da área das TIC e a professora de informática, procedeu-se posteriormente à sua aplicação. Esta grelha era constituída por 4 secções e 33 itens. A Secção I contemplava itens relacionados com a identificação básica (nome, e-mail, localização atual, data de nascimento, fotografia pessoal, universidade). A Secção II era constituída por 15 itens referentes às principais funcionalidades do Facebook (Criação de um grupo, procurar/sugerir amigos, escrever comentários no mural, *post* de fotos, músicas e vídeos, *chat*, criar/divulgar eventos, entre outras). A Secção III englobava 6 itens relacionados com o tipo de conteúdos mais partilhados no Facebook, tais como: Música, Entretenimento, Humor, Notícias e Políticas Sociais, Filmes e animação e Desporto. A Secção IV referiu-se ao número de conteúdos descritos na Secção III, ou seja, com o valor quantitativo de cada conteúdo. A aplicação desta grelha, depois de validada, teve início em novembro de 2010, mês em que os alunos começaram a ter mais autonomia na utilização do Facebook e terminou em julho de 2011, que foi o mês seguinte após as atividades letivas.

Resultados da investigação

Os resultados desta investigação permitiram verificar que relativamente ao tempo de frequência nas aulas de informática, destaca-se que 8 alunos (61,5%) frequentavam as aulas de informática há 2-3 anos e 5 alunos (38,5%) frequentavam as aulas há 4-5 anos. Nos primeiros anos, estes alunos obtiveram conhecimentos teóricos de *software* e *hardware*, efetuaram pesquisas no Google, criaram um *e-mail* e um blogue, utilizaram o *Messenger* e visualizaram vídeos no *Youtube*. De acordo com a opinião da professora de informática, estes alunos estavam sempre motivados para aprender assuntos novos e úteis para as suas vidas. A sua literacia digital era caracterizada por possuírem competências básicas em informática adquiridas essencialmente na formação das aulas de informática na USALBI.

Relativamente à análise comparativa das entrevistas no 1º Momento, é pertinente referir, em primeiro lugar, que os principais motivos que levaram os alunos a frequentar as aulas de informática foram para a manutenção da atividade intelectual, tal como se verifica pela opinião manifestada por um aluno: A1 "(...) *para o cérebro não envelhecer (...) o nosso intelecto necessita de ser trabalhado e alimentado e estas aulas proporcionam isto (...)*". Os alunos também realçaram que não tinham conhecimentos de informática e após frequentarem as aulas, a sua atividade intelectual melhorou, como se pode confirmar pela expressão deste aluno: A2 "(...) *eu não sabia mesmo nada, eu vim para aprender o A, B, C e senti-me mais intelectualmente ativa; tinha computador em casa não ligava importância nenhuma, agora já olho para ele de outra maneira (...)*".

No que diz respeito às TIC, quando os alunos e professora foram questionados sobre as suas vantagens, estas são convergentes e destaca-se como principal vantagem o acesso rápido à informação, como se pode verificar pela opinião emitida pela professora de informática: P1 "(...) *conseguem ler rapidamente um jornal sem sair de casa (...)*". Outras vantagens das TIC apontadas pelos alunos são o facto de permitirem atualização de conhecimentos muito úteis na promoção da qualidade de vida e no processo de envelhecimento, conforme se pode verificar pela opinião manifestada por um aluno: A13 "(...) *temos que conduzir estas atualizações para o nosso bem estar e qualidade de vida, para podermos viver melhor a nossa velhice (...)*". As desvantagens das TIC para os alunos, são essencialmente relacionadas com o facto de estas serem viciantes. O "vício" causado pelas TIC referido como desvantagem pelos alunos pode ser encarado como positivo porque lhes criou o hábito de utilizar as TIC, onde podem usufruir das vantagens deste meio.

Quanto à Web social, os alunos emitiram maior número de opiniões favoráveis e relacionam esta como uma nova forma de socialização, com sentido de grande utilidade pessoal, associado a uma inteligência coletiva, conforme se pode verificar na opinião deste aluno: A4: "(...) *uma forma*

inovadora de socialização, promove a inclusão digital, tem grande utilidade para mim, pois falo todos os dias com o meu filho e com o meu neto (...)".

Relativamente à rede social digital Facebook, de acordo com a opinião da professora de informática, as principais intenções que levam os alunos a utilizar esta rede social, são para a comunicação e lazer: P1 "(...) para comunicar com os filhos que estão longe, e também procuram os jogos para jogarem com os netos (...)". De acordo com a opinião dos alunos, o Facebook é uma ferramenta digital que combate o isolamento, promove a socialização, sendo também um complemento de lazer e entretenimento que aproxima gerações, em que avós e netos falam a mesma linguagem, tal como se pode verificar pela opinião manifestada por um aluno: A10 "(...) aquisição de uma linguagem para estar ao nível dos netos, promove a nossa valorização pessoal, facilita a socialização (...)".

Quanto às principais vantagens do Facebook para os alunos, estas relacionam-se com o intercâmbio de comunicação, com a partilha de conhecimentos e eventos que esta rede social permite, como se pode verificar pela expressão de um aluno: A8 "(...) surgem convites instantâneos para ir a um magusto, a uma caminhada, a uma convocatória para recolha de sangue, a comunicação é instantânea (...)". No que concerne às desvantagens do Facebook, na opinião dos alunos, a principal refere-se à falsa noção de "Amigos", uma vez que o conceito de amizade no Facebook não acarreta o mesmo significado de amizade *offline*, ser amigo neste sítio é sinónimo de ter uma rede de contactos e esta situação não é bem vista pelos alunos: A11 "(...) não concordo com o facto de instantaneamente, através de um clique se fazer "Amigos", perde-se deste modo a essência da amizade (...)".

Relativamente ao Facebook como ferramenta digital de promoção do envelhecimento ativo, os alunos emitiram um maior número de aspetos positivos e exemplificaram como o Facebook é uma ferramenta digital que promove o seu envelhecimento ativo e deram exemplos práticos da aplicação do Facebook no seu processo de envelhecimento: A2 "(...) com o Facebook estou ativa, é uma companhia, aumenta a autoestima, sentimo-nos incluídos e úteis (...)". Os alunos referem ainda que o Facebook é um meio de aproximação de gerações, onde avós e netos se encontram e partilham experiências, tal como é verificado pela opinião expressa por um aluno: A11 "(...) existe fusão de gerações que é benéfico para um envelhecimento bem sucedido (...)".

Através da realização das entrevistas no 2º Momento, foi possível conhecer as limitações existentes na utilização do Facebook pois na opinião dos alunos estas dividem-se em limitações pessoais que se relacionam com a falta de exposição das TIC nas suas vidas profissionais, com a inexperiência com redes sociais digitais e com a necessidade de formação e acompanhamento nesta área, tal como se verifica na opinião manifestada por um aluno: A7 "(...) as limitações são pessoais, pois nós temos necessidade de acompanhamento de alguém que nos ensine a trabalhar com estes programas como o Facebook, há uma necessidade de formação nesta área (...)". Além destas limitações, também são referidos pelos alunos a existência de obstáculos relacionados com a proteção de dados pouco esclarecedora, isto é, uma política de privacidade pouco eficaz. Neste 2º Momento todos os alunos consideraram o Facebook como uma ferramenta digital que promoveu o envelhecimento ativo e a solidariedade intergeracional. Deste modo, expressaram muitas opiniões favoráveis, das quais se destacam algumas mais relevantes: A1 "(...) o Facebook trava o envelhecimento e abrange muitas faixas etárias dos 8 aos 80 anos (...)"; A4 "(...) envelhecimento transformou-se em algo inovador e muito mais ativo (...)"; A10 "(...) um modo de aproximação dos mais novos, principalmente dos netos (...)"; A11 "(...) o Facebook foi útil para comunicar com a minha neta que está em Macau (...)". A12 "(...) existe uma comunicação intergeracional mais eficaz e como consequência o nosso envelhecimento torna-se ativo em que o Facebook é fundamental nesta comunicação (...)".

Os aspetos mais relevantes das aulas observadas durante os nove meses do ano letivo (outubro de 2010 a junho de 2011), relacionam-se com o facto desde o primeiro dia de aulas que os alunos mostraram curiosidade em aprender a utilizar o Facebook. Ao longo do ano letivo os alunos assumiram um papel ativo na sua aprendizagem sendo construtores do seu conhecimento. Estes alunos ficaram surpreendidos pela positiva com as potencialidades do Facebook e as novas formas de comunicação que esta ferramenta digital proporciona muito úteis no seu

envelhecimento, destacando-se o facto de permitir uma maior participação social, prevenir o isolamento e promover o diálogo intergeracional, conforme se pode verificar pela expressão manifestada por um aluno, após a aprendizagem de "alertas de aniversários" (aplicações utilizadas no Facebook), A6: "(...) *a minha neta já tinha falado desta funcionalidade dos alertas de aniversário e agora já lhe posso dizer que também já sei enviar os parabéns de forma virtual e quando ela fizer anos vou ser a primeira a enviar-lhe as felicitações (...)*".

Quanto aos resultados obtidos através da aplicação da grelha de exploração cronológica do Facebook, estes permitiram conhecer a dinâmica dos alunos em interação com o Facebook, nomeadamente, a existência de um comportamento/atitude diferente entre os homens e mulheres, uma vez que cada um abordou de maneira diferente esta rede social digital de acordo com a sua personalidade e interesses. Neste sentido, as funcionalidades mais utilizadas no Facebook pelas mulheres, estiveram relacionadas com a «comunicação», pois estas utilizaram mais frequentemente o *chat*, escreveram com mais frequência comentários no mural e enviaram mais mensagens. As funcionalidades relacionadas com «entretenimento», foram mais utilizadas pelos homens, pois estes jogaram com mais frequência os jogos, fizeram mais *Post* de fotos e músicas e criaram e divulgaram mais eventos.

Representações futuras do Facebook na promoção do Envelhecimento Ativo e das Relações Intergeracionais

Em relação ao futuro, todos os alunos afirmaram com muito entusiasmo que o Facebook veio para ficar e que eles irão continuar a utilizá-lo. A razão principal é para se manterem ativos, porque já faz parte do seu dia a dia, para comunicarem com os amigos, familiares e partilharem publicações, para entretenimento e lazer, procurarem amigos de infância e distantes do ponto de vista geográfico, para reviverem tempos passados e essencialmente para se manterem integrados na sociedade digital, como se pode verificar nas seguintes expressões citadas pelos alunos: A1 "(...) *vou continuar a partilhar conhecimentos e não vou deixar o Facebook, a finalidade principal é para me manter ativo e participativo (...)*"; A7 "(...) *para comunicar com o meu filho e com o meu neto (...)*"; A8 "(...) *no futuro irei utilizar esta rede para encontrar mais amigos de infância (...)*"; A12 "(...) *partilha de vídeos e felicitar os meus amigos pelo aniversário, utilizar o chat para conversas de circunstâncias com as minhas amigas (...)*".

De acordo com a professora de informática e com as observações efetuadas, a futura utilização do Facebook por parte dos alunos será também concretizada para comunicação com os familiares, e para a aquisição de conhecimentos, tal como se pode verificar pela opinião manifestada pela professora: P1 "(...) *conversar com os filhos e netos, para adquirirem conhecimentos, para se atualizarem das notícias regionais, nacionais e mundiais (...)*". Esta premissa também foi confirmada através dos dados obtidos da grelha de exploração cronológica do Facebook, constatando-se que as funcionalidades relacionadas com a comunicação tiveram uma presença regular ao longo do ano e as funcionalidades relacionadas com entretenimento destacam-se pela sua representatividade após as atividades letivas.

Deste modo as TIC, em geral, e as redes sociais digitais, em particular, criam espaços informais onde a partilha e o «ensino» e a «aprendizagem» pode ser feita e assumida por diversos atores, sejam eles jovens ou mais idosos. Neste contexto, West & Heat (2009), sugerem a partilha de recursos colaborativos, através de suportes *online* de toda a natureza, mais ou menos formais: enciclopédia, história, culinária, viagens. E tal como afirmam Eggermont & Vandebosh (2010), o Facebook promove uma aproximação intergeracional, referindo variadas situações onde os netos "ensinam" os seus avós. Neste particular, Bindé (2007) refere ainda que estas novas possibilidades vêm incrementar os laços familiares e sociais através de uma maior solidariedade intergeracional. Esta aproximação sente-se ainda mais através das ferramentas digitais mais associadas à comunicação: *chat* e *e-mail*. Tendo em consideração o facto da grande maioria dos avós viverem longe dos seus filhos e dos seus netos, estas ferramentas digitais vem possibilitar esta maior aproximação. Por outro lado, a utilização destes meios digitais por parte dos avós tem

também um outro grande aspeto positivo, tornam os mais idosos «mais iguais» e «menos excluídos». Como é referido por White & Weatherall (2000) esta maior envolvência intergeracional através das TIC fazem como que os cidadãos mais idosos se sintam mais integrados socialmente, diminuindo a barreira e as limitações que acarreta a infoexclusão.

Reflexões Finais

Este estudo permitiu evidenciar que as redes sociais digitais, enquanto ferramentas Web 2.0, possibilitam diversas oportunidades para a criação de um ambiente de aprendizagem cooperativo e colaborativo que ajuda na promoção do envelhecimento ativo e na solidariedade intergeracional. O ambiente informal do Facebook foi aos poucos organizando-se como um espaço de integração, comunicação, partilha e colaboração entre alunos e professora de informática, tornando-se num ambiente de aprendizagem ao longo da vida, eficaz e envolvente. A formação do ano letivo 2010/2011 foi apenas uma aproximação a esta rede social digital, havendo ainda um grande caminho a percorrer.

Para que as TIC, em termos gerais, e o Facebook, em particular, sejam uma resposta social no processo de envelhecimento ativo, sugere-se uma formação duas vezes por semana com tempo de duração 2h cada sessão, uma compatibilização da organização do ambiente de trabalho do computador pessoal dos alunos com o computador da sala de aula, uma planificação melhorada e mais adequada das aulas, tendo em conta as particularidades destes cidadãos mais idosos, aumento da dimensão dos ícones da página do Facebook, a realização atividades *online* que possam ser realizadas *offline* e a criação de um espaço (fórum ou *chat*) para os idosos poderem esclarecer dúvidas *online*.

Tendo em conta os resultados obtidos nesta investigação, sugere-se para aprofundamento, um estudo comparativo, constituído por duas amostras, homens e mulheres de modo a fazer uma análise do desempenho, nesta rede social digital, comparando as suas competências digitais inerentes ao género feminino e masculino. Sugere-se ainda a realização de um estudo etnográfico com pessoas com 65 e mais anos que vivam em meio rural com o objetivo de descrever o sistema cultural em termos de literacia digital e das reais necessidades de formação na área das TIC, tendo em conta o isolamento e igualdade de oportunidades.

Para complementar o estudo, sugere-se também a implementação de um projeto que englobe mais Universidades Seniores e comunidades internacionais em que o Facebook seja um elo de ligação entre os seus membros.

Sugere-se ainda, novas abordagens à formação e participação dos idosos que emergem no contexto do novo paradigma conhecido como Web 2.0 versão móvel. Atualmente, os dispositivos móveis (*Smartphones, iPhone, iPad*) são muitos utilizados no quotidiano das pessoas. Estas e outras ferramentas Web 2.0 Mobile assentam no conceito *mobile learning*, que também poderá ser utilizado pelos idosos, contribuindo como estratégia inovadora para a promoção do envelhecimento ativo proporcionando uma redução do isolamento e do sedentarismo dada a portabilidade e mobilidade destes dispositivos e a possibilidade de serem utilizados na presença de outras pessoas em espaços informais, podendo ser um veículo de aproximação saudável entre várias gerações. Além disto, estes dispositivos móveis oferecem um potencial enorme na melhoria da qualidade de vida dos idosos, uma vez que são um contributo essencial para a melhoria da autoestima e da sua inclusão digital, onde o futuro passa, certamente, por todas estas interações digitais.

Bibliografia

- Barata, S. (2010). *Política social e sociologia*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bindé, J. (Coord.). (2007). *Rumo às Sociedades do Conhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Brown & Duguid (2001). *A vida social da informação*. São Paulo: Makron Books.
- Castells, M. (2000). *A Sociedade em Rede. A Era da informação, economia, sociedade e cultura*. Volume I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2004). *A Galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2006). A Sociedade em rede: do conhecimento à acção política. In Cardoso, Gustavo e Manuel Castells (org.), *A Sociedade em rede – do conhecimento à acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Castells, M. (2007). *A Sociedade em Rede. A Era da informação, economia, sociedade e cultura*. Volume II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, et al. (2000). Novas análises dos níveis de literacia em Portugal: comparações diacrónicas e internacionais, *Actas do IV Congresso Português de Sociologia. Sociedade portuguesa. Passados recentes, futuros próximos*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, pp. 1-12.
- Costa, et al. (2005). *Cultura Científica e Movimento Social. Contributo para a Análise do Programa Ciência Viva*. Oeiras: Celta Editora.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Editora Almedina.
- Deponti, C. (2008). Teoria do Ator-Rede (ANT): Reflexões Teóricas. In IV Encontro Nacional de Anppas. Brasília, [Online]. Disponível em <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT15-73-18> [Acedido em 02-11-2012].
- Doll, et al. (2007). As Tecnologias de Informação e Comunicação na vida de idosos com sintomas de depressão: significado, experiências e relacionamentos, *Novas Tecnologias na Educação*, 5(2), pp. 1-8.
- Eggermont, S. & Vandebosch, H. (2010). Towards the Desired Future of Elderly and ICT: Policy recommendations based on a dialogue with senior citizens. *Proceedings of the International Communication Association*. USA: New York.
- Erickson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In Wittrock (Eds.), *Handbook of Research on Teaching* (pp. 1119-161). New York: MacMillan.
- Espanha, R. (2009). *Saúde e comunicação numa sociedade em rede – o caso português*. Lisboa: Monitor.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formações de professores*. Lisboa: INIC.
- Eurostat (2010). *Structural Indicators – Eurostat* [Online]. Disponível em: <http://www.europa.eu.int/comm/eurostat> [Acedido em: 10-09-2012].
- Gonçalves, V. (2003). Desenvolvimento de Sistemas de Informação para a Web: um Portal para as Escolas do 1º Ciclo e Jardins de Infância. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Gonçalves & Dias (2008). Envelhecimento e emprego dos trabalhadores mais velhos, *Rediteia*, 41, pp. 26-28.
- Guillemard, A. (2004). Les sociétés à l'épreuve du vieillissement, *Futuribles*, 299, pp. 45-64.

Escola Superior de Educação João de Deus

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

"Juventude e maiores: envelhecimento activo e solidariedade intra e intergeracionalidade" e "O adoecer, a doença e o envelhecimento activo"

- Harley, D. & Fitzpatrick, G. (2008). YouTube and intergenerational communication: the case of Geriatric 1927. *Univ Access Inf Soc*, 8, pp. 117-142. Springer-Verlag.
- Henriques (2011). Educação social, literacia digital e cidadania: contributos metodológicos, *Revista Animação e Educação*, 13, pp. 1-13.
- Hermeking, M. (2006). Culture and Internet Consumption: Contributions from Cross-Cultural Marketing and Advertising Research, *Journal of Computer-Mediated Communication*, 11, 1, pp. 192-216.
- INE (2011). *Estatísticas Sociais*. Lisboa: INE.
- Kirkpatrick, D. (2011). *O efeito Facebook*. Lisboa: Arcádia.
- Lima, et al. (2008). Inclusão dos idosos no mundo digital: realidade brasileira, XXXI Congresso de Ciências da Comunicação, Natal, 2 a 6 de setembro.
- Martin, et al. (2007). Políticas sociais para a terceira idade. In Agustín Requejo Osóri e Fernando Cabral Pinto (coords.), *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*, (pp. 203-223). Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins & Daltrini (2006). Utilização dos preceitos da Teoria da Atividade na elicitação dos requisitos do software, [Online]. Disponível em <http://www.inf.usfsc.br> [Acedido em 03-11-2012].
- Mauritti, R. (2004). Padrões de vida na velhice. *Análise Social*, XXXIX (171), pp. 339-363.
- Mendes, F. (2005). *Conspiração grisalha. Segurança social, competitividade e gerações*. Oeiras: Celta Editora.
- Meneses, R. (2007). Redes Sociais: conceitos, práticas e metodologias. Dissertação de Doutoramento. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, [Online]. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=646 [Acedido em 16-10-2012].
- Merriam, S. (1998). *Case study research in education: A qualitative approach*. San Francisco: Jossey.
- Metherbe, J. (1986). *Análise de Sistemas*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- ONU (1982). *Plan de Acción Internacional sobre el Envejecimiento*, Viena, (Resolução 37/51 de 3 de dezembro de 1982), [Online]. Disponível em: http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/gericuba/plan_de_accion_internacional_de_viena_sobre_el_envejecimiento.pdf [Acedido em 11-09-2012].
- Pestana, N. (2003). *Trabalhadores mais velhos. Políticas públicas e práticas empresariais. Contributos para uma política nacional de envelhecimento activo*, Lisboa, Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho, Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST).
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Recuero, R. (2004). Teoria das Redes Sociais da Internet: considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In Actas do IV Encontro os Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, Porto Alegre, [Online]. Disponível em <http://www.midiasdigitais.org/wp-content/uploads/> [Acedido em 16-10-2012].
- Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Ribas & Ziviani (2008). Redes de informação: novas relações sociais. *Revista de economia e política de las tecnologías de la información*, vol.X, n.1, [Online]. Disponível em <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/ACIudiaRibasPaulaZiviani.pdf>. [Acedido em 6-11-2012].
- Rogers & Fisk (2006). A Cognitive support for elders through technology, *Generations*, 30 (2), pp. 38-43.

Escola Superior de Educação João de Deus

Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

"Juventude e maiores: envelhecimento activo e solidariedade intra e intergeracionalidade" e "O adoecer, a doença e o envelhecimento activo"

Scott, J. (2004). *Social network analysis: a handbook*, [Online]. Disponível em <http://www.analytictech.com/mb119/tableof> [Acedido em 16-09-2012].

Silva, et al. (2006). Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação, [Online]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1a09.pdf> [Acedido em 16-09-2012].

Stake, E. (1994). Case studies. In Denzin & Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). London: Sage.

Vallespire & Morey (2007). A participação dos idosos na sociedade: integração vs segregação. In Agustín Requejo Osório e Fernando Cabral Pinto (coords.), *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*, (pp. 225-251). Lisboa: Instituto Piaget.

Watts, J. (2003). *Six Degrees. The Science of a Connected Aged*. New York: W.W. Norton & Company.

WB – Internet e Novas Tecnologias (2008). *Redes Sociais na Internet. Guia prático*, [Online]. Disponível em <http://www.Wb-internet.pt> [Acedido em 18-09-2012].

West, D. & Heat, D. (2009). Moving forward on digital inclusion: A framework for integrating research, policy and practice. *Journal of Social Intervention: Theory and Practice*, Vol. 18, Issue 2, pp. 5-28.

White, J. & Weatherall, A. (2000). A grounded theory analysis of older adults and information technology. *Educational Gerontology*, 26, pp. 371-386.

Wiener, N. (1984). *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix.

Yin, R. (1994). *Case study research – Design and methods*. London: Sage Publications.

Websites

<http://www.internetworldstats.com/stats4.htm> acedido em 11-09-2012

<http://www.pordata.pt/Portugal> acedido em 12-09-2012

<http://www.envelhecimentoativo.pt> acedido em 9-09-2012

<http://www.wikipedia.org/wiki/Rede> acedido em 16-09-2012

<http://www.Facebook.com/statistics> acedido em 16-09-2012